

Rosângela Carvalho da Costa



Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

rocarvalho361@gmail.com

Valmir Flores Pinto



Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

valmirfp@ufam.edu.br

Submetido em: 25/07/2021

Aceito em: 16/05/2022

Publicado em: 31/08/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n35p395-411](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n35p395-411)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)
[Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

A ABORDAGEM ARQUEOGENEALÓGICA FOUCAULTIANA COMO SUPORTE METODOLÓGICO NA PESQUISA EDUCACIONAL

RESUMO

Com o objetivo de oferecer subsídios para as pesquisas educacionais embasadas pela arqueogenealogia procurou-se por meio da revisão de literatura e da produção acadêmica apresentar introdutoriamente alguns caminhos teórico-metodológicos. A partir da compreensão de arqueogenealogia como o resultado da miscigenação dos três momentos teóricos foucaultianos, analisou-se as pesquisas encontradas (duas dissertações e uma tese) que se utilizavam dessa abordagem. Conclui-se que a arqueogenealogia oferece um rico campo de problematizações e que, embora as pesquisas tenham peculiaridades interpretativas de cada autor, acabam seguindo um padrão evidenciado por: a) construção do arquivo, b) análise dos dispositivos operantes e c) hipercrítica que podem ou não concordar com as discursividades já postas em prática resultando em uma produção problematizadora que busca também, e principalmente, compreender quem é o sujeito produzido pela amálgama discursiva colocada em tela. O texto é um recorte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida em relação a contribuição das práticas educativas dos educadores na educação especial em tempos de pandemia para o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas-UFAM e que já conta com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas-CEP.

Palavras-chave: Metodologia. Arqueogenealogia. Educação. Epistemologia. Didática.

THE FOUCAULTIAN ARCHAEOGENEALOGICAL APPROACH AS METHODOLOGICAL SUPPORT IN EDUCATIONAL RESEARCH

ABSTRACT

To provide subsidies for educational research based on archaeogenealogy, it was sought through a literature review and academic production to introduce some theoretical-methodological paths. From the understanding of archaeogenealogy as the result of the miscegenation of the three theoretical moments of Foucault, the research found (two dissertations and a thesis) that used this approach was analyzed. It is concluded that archaeogenealogy offers a rich field of problematizations and that, although the researches have interpretative peculiarities of each author, they end up following a pattern evidenced by: a) construction of the archive, b) analysis of the operating devices and c) hypercriticism that can or not agreeing with the discursivities already put into practice, resulting in a problematizing production that also seeks, and mainly, to understand who is the subject produced by the discursive amalgam placed on screen. The text is an excerpt of a research that is being developed in relation to the contribution of the educational practices of educators in special education in times of pandemic to the Graduate Program in Science and Humanities Teaching at the Federal University of Amazonas-UFAM and that already has the approval of the Research Ethics Committee-CEP.

Keywords: Methodology. Archaeogenealogy. Education. Epistemology. Didactics.

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar uma produção científica é indispensável pesquisar, nas bases teóricas, o que vem sendo produzido no campo temático escolhido, no intuito de adquirir a compreensão acerca da abordagem que embasará seu estudo. A priori, busca-se situar o leitor em conceitos básicos sobre a pesquisa educacional de uma forma ampla para ir demarcando o sítio em que se adentra arqueologicamente com Foucault, tentando explicar como se entende a arqueologia e se adequa para uma inspiração arqueogenealógica.

Sequencialmente parte-se para a conceituação de genealogia explicitando quais as ações desenvolvidas pelo sujeito, em um terceiro momento, também chamado momento ético, explana-se sobre a junção desses momentos considerando a inserção das tecnologias do eu, resultando na arqueogenealogia ou estudo do dispositivo operante em determinada situação.

Com o intuito de clarificar os estudos com a abordagem arqueogenealógica por entender que, pelo foco na subjetividade do sujeito é uma ferramenta indispensável para o procedimento em pauta, iniciou-se um levantamento a partir da busca no site da biblioteca digital brasileira de teses e dissertações - BDTD, utilizando como palavras chaves os termos “arqueogenealogia” e “Michel Foucault” com o recorte temporal de 2015 a 2020 e selecionando a base de dados em nome das principais instituições de Ensino Superior no Estado (UFAM- Universidade Federal do Amazonas, IFAM-Instituto Federal do Amazonas e UEA-Universidade do Estado do Amazonas) não obtendo nenhum resultado.

A partir de então usou-se os mesmos critérios, mas sem delimitar os repositórios o que resultou em três produções arqueogenealógicas, sendo uma tese e duas dissertações. A partir dos resultados elencados pôde-se observar um padrão de organização, não linear, mas que possibilitará a expansão da compreensão sobre essa forma de pensar a pesquisa educacional por uma lente problematizadora.

2. UM OLHAR SOBRE A PESQUISA EDUCACIONAL

A expressividade da pesquisa no eixo das ciências humanas pode ser observada nas publicações e nos periódicos qualificados. Há de se levar em conta as técnicas que mais colaborem para que um acontecimento seja entendido, problematizado e transmitido com confiabilidade e compromisso. Corazza (2017, p113) nos diz que seria tolice pensar

o problema antes de estar inserido nele, como pode-se problematizar o que não se conhece ou não se tem contato? E mais, problemas só existem através de uma realidade, mas para a autora a realidade não existe, logo os problemas também não, e as verdades são questionáveis. Contraditório?

Por isso realidade não é uma coisa- uma situação, uma condição, um estado- que possa ser vista, analisada, investigada “ no que realmente é”; nem existem enunciados que sejam mais adequados a esta coisa, ou que a representem de forma mais conveniente, mais pertinente. Assim, não é possível encontrar a verdade na/da realidade, ou a realidade verdadeira; bem como não existe a falsa realidade, vista e falada de determinado ângulo enganoso [...] em suma, criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias (CORAZZA, 2017, p.113-116)

Na percepção da autora o problema não é descoberto, ele é concebido. Essa concepção se “dá através das pequenas revoltas com o instituído e aceito do desassossego em face das verdades tramadas” (CORAZZA, 2017 p.114) e, dessa forma, se faz necessário olhar além do que está sendo dito, mostrado e compartilhado sendo a abordagem qualitativa uma ferramenta que melhor se adequa as pesquisas, independente do seu suporte teórico.

A pesquisa qualitativa tem sua origem nas raízes antropológicas e sociológicas, quando os pesquisadores positivistas entenderam que, só quantificar não era o suficiente para considerar as peculiaridades da existência humana e buscavam fazer uma pesquisa que ampliasse o lócus trazendo mais informações pertinentes que viabilizavam a compreensão do todo No meio acadêmico não existe consenso na classificação da pesquisa qualitativa, por esse motivo é comum encontrarmos alguns autores que se referem a ela como pesquisa (APOLLINÁRIO,2011; STAKE, 2016; GUERRA, 2006) ou abordagem (TRIVIÑUS, 1987; MARCONI, 2004; SEVERINO,2016), nesse estudo vamos usar o termo abordagem qualitativa por concordar com os teóricos defensores desse termo e entender que conforme exposto por Severino (2016) não se trata de pesquisa pois, “várias metodologias de pesquisa podem adotar uma abordagem qualitativa”.

Por definição e/ou conceituação de abordagem qualitativa, Severino (2016, p. 125) a compreende como um “conjunto de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas e Apolinário (2011) entende como uma modalidade de pesquisa na qual os dados são coletados através de interações sociais e analisados subjetivamente pelo pesquisador, o que, na concepção dos defensores do termo abordagem, só será definida como uma pesquisa no conjunto da produção concluída e com os devidos referenciais teóricos. Triviñus (1987, p.120), afirma que, a abordagem

qualitativa é muito difícil de ser definida e/ou conceituada pela gama de significados que podem depreender dela:

Pelo menos existem duas dificuldades para definir o que entendemos por pesquisa qualitativa. Uma delas diz respeito a abrangência do conceito, a especificidade de sua ação, aos limites desse campo de investigação. Esse obstáculo que se apresenta para atingir uma noção, mais ou menos clara deste tipo de pesquisa não é fácil de ultrapassar. A segunda dificuldade que surge na busca de uma concepção precisa da ideia de pesquisa qualitativa, como veremos, é muito mais complexa e emerge dos suportes teóricos fundamentais que a alimentam (TRIVIÑUS, 1987, p.120).

Foucault questiona o debate acerca da melhor abordagem:

Descrições qualitativas, narrações biográficas, demarcação, interpretação e recorte dos signos, raciocínios por analogia, dedução, estimativas estatísticas, verificações experimentais, e muitas outras formas de enunciados, eis o que se pode encontrar, no século XIX, no discurso dos médicos. Que encadeamento, que determinismo há entre uns e outros? Por que estes e não outros? Seria necessário encontrar a lei de todas essas enunciações diversas e o lugar de onde vêm. (FOUCAULT, 2008, p.61)

E nesse contexto que o autor clarifica o porquê de não compreender a abordagem qualitativa como uma pesquisa em si, mas como uma caixa de ferramentas que, com o apoio da teorização escolhida e da subjetividade do pesquisador, tem-se flexibilidade e qualidade na investigação. Marshall (2008) nos faz refletir sobre a necessidade de a pesquisa educacional ser pensada, ou melhor, repensada, além dessa discussão que, ao entender do autor, vai muito além da classificação e/ou nomenclatura, precisa ser problematizada. O autor afirma que a abordagem foucaultiana está além da discussão ideológica e polêmica acerca do impasse “qualitativo & quantitativo” e traz a questão da importância de “dar um passo atrás” para poder olhar o objeto e problematizá-lo:

A noção de dar um passo atrás é muito importante. Dar um passo para trás é diferente da noção de desenterrar um conhecimento subjacente ou um conjunto de práticas subjacente, uma episteme, que permite as declarações serem consideradas verdadeiras ou falsas [...] é o movimento pelo qual alguém se separa do que faz de forma a estabelecê-lo como um objeto de pensamento e a refletir sobre ele como um problema. (MARSHALL, 2008, p.31)

É evidente que a problematização foucaultiana busca refazer a interação entre o indivíduo e a verdade direcionando uma série de questões a política, essa compreendida pelo filósofo como “os processos sociais, econômicos e políticos encontrados em uma amálgama de leis (leis da educação), instituições públicas (comitês de educação, escolas, universidades, etc.) curadorias, professores, pais alunos/crianças.” (Id.). Considerar o

discurso é o carro chefe de suas considerações. Foucault atribui a essa maneira de estruturar o sistema ou da possibilidade de construir a realidade, de discurso. Discurso em Foucault pode ser considerado como o ato de falar, manter, transmitir e articular ideias em qualquer campo que seja, seja por fala, por gestos, tudo o que está no campo da comunicação faz parte do discurso. A partir do afastamento do que se faz e da observação reflexiva podemos “questionar significados condições e metas” (Id.) que:

É tratar o objeto do pensamento como um problema. Um sistema de pensamentos seria uma história de problemas ou uma problematização. Envolveria o desenvolvimento de um conjunto de condições nas quais possíveis respostas pudessem ser propostas. Mas não se apresentaria como uma solução ou resposta. Como algo se torna um problema e ingressa no domínio do pensamento? [...] é aos elementos de práticas, a política como ele o chama, que Foucault dirige as suas questões. (MARSHALL, 2008, p.32)

É interessante salientar que, quando nos direcionamos às práticas estamos automaticamente fazendo referência ao sujeito. Em seu discurso propedêutico na obra *A arqueologia do saber*, Foucault diz que:

Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento. O tempo é aí concebido em termos de totalização, onde as revoluções jamais passam de tomadas de consciência. Sob formas diferentes, esse tema representou um papel constante desde o século XIX: proteger, contra todas as descentralizações, a soberania do sujeito e as figuras gêmeas da antropologia e do humanismo (FOUCAULT, 2019, p.15).

O sujeito soberano é a atenção de todas as teorizações foucaultianas. E pelo sujeito, por suas práticas, rupturas, suas produções enunciativas, seus discursos e seus monumentos que o autor torna a problematização e a observação das descontinuidades e dos conflitos o cerne de sua pesquisa arqueológica.

3. A ARQUEOLOGIA FOUCAULTIANA

A intenção da arqueologia foucaultiana dentro da inspiração arqueogenealógica é a formação do arquivo. Por arquivo Foucault (2019a, p.154) entende um conjunto de discursos pronunciados de fato. No livro “A arqueologia do Saber (2019a)” o autor se situa, separa-se e corrige alguns equívocos em suas percepções conceituais publicadas nas obras anteriores e, quando rebate as críticas sobre suas mudanças o autor enfatiza: “Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil: ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres, quando se trata de escrever (FOUCAULT, 2019^a, p.21)”.

A partir da concepção arqueológica descrita por Foucault (2019a) na obra supracitada, pretende-se considerar aqui como esse arquivo é formado e como ele pode

ser descrito e servir de base para as tensões genealógicas. Importante salientar que a arqueologia não busca o começo ou o fim e muito menos a verdade absoluta do que quer que seja, a arqueologia procura entender como o evento se tornou ideologicamente verdadeiro. Considerado pelos seus contemporâneos como pós estruturalista, Foucault diz que um pós-estruturalista pensa o debate sobre a ação, o que não é o caso dele, pois ele “recoloca o debate sobre a ação” (VEIGA- NETO, 2016, p.18).

O arquivo “é, de início, a lei do que pode ser dito” (FOUCAULT 2019^a, p. 159) e permite-se aqui uma primeira tentativa de defini-lo baseando-se na ideia de que ele “serve para diagnosticar os enunciados, dissipando a ideia da linearidade e nos colocando no cerne das diferenças” (Id.). O arquivo é composto pela descrição das formações discursivas, análise das positivities, demarcação do campo enunciativo e consequentemente a formação do objeto (FOUCAULT, 2019^a, p.160) logo, ele é responsável pela detecção dos discursos e de sua formação histórica em um determinado campo do saber, o teórico defende que, a verdade é produzida pelo e no discurso e para o autor uma série de discursos são classificados como acontecimentos discursivos.

Nesse prisma considera-se a inexistência da verdade discursiva, pois, a partir da mutação dos discursos essa ideia de verdade também sofre alterações. O conceito de verdade se transforma em “jogos de verdade” pois, para Foucault (2019^a, p.40) as regras de verdadeiro ou falso do sujeito serão constituídas pelos discursos produtores de subjetividades. Inicialmente o autor define esses acontecimentos como:

O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito (FOUCAULT, 2019a, p.33).

Essa limitação se dá pelo questionamento da origem desse enunciado e do porquê de ele ser usado e não outro, da preocupação em perceber que o enunciado pode ter sido direcionado e, provavelmente foi, o que não impede de tentar entender qual a intenção por trás daquele direcionamento, pois:

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está

aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2019 p.36-37)

Em relação aos enunciados considera-se que a percepção e o conhecimento são modos de saber e orquestram o problema da arqueologia que é: “O que eu posso saber?” (VEIGA-NETO, 2016, p115.) que vai contribuir para a construção de um sujeito objetificado por ele mesmo, levando-o a olhar o outro a partir de si e reconhecendo-se como um domínio de saber possível e fechando o arquivo em questão (FOUCAULT, 2019^a, p.53).

A partir do entendimento da formação do arquivo (sistemas enunciativos que ligam acontecimentos e coisas) que permitem a organização da dispersão simultânea desses enunciados através de categorizações que o possibilitam ser definidos como um conjunto de condições existenciais de nós mesmos quando relacionada a questão da verdade (FOUCAULT, 2019^a, p.161), caminha-se para o seu segundo domínio que é jugulado pela questão saber/poder, conhecido como domínio genealógico.

4. A GENEALOGIA FOUCAULTIANA

Quando Foucault refere-se a genealogia ele está se referindo ao estudo da origem de um discurso que se cristalizou como verdadeiro. A genealogia vai procurar, no arquivo, elaborar a compreensão de como o enredamento de saberes, relações e produções resultaram na fabricação daquela subjetividade e a partir daí buscar compreender como o poder pode produzir saberes e constituir um sujeito que age sobre os outros, e a articulação entre ambos (VEIGA-NETO, 2016 p.56).

Como o sujeito do saber, que tem a sua subjetividade produzida historicamente através das relações de poder que as ditam, coopera para os processos e mecanismos que os apropriam e produzem? (id.)

Para tentar refletir acerca dessa problematização se faz imprescindível a ressignificação do saber adquirido na fase arqueológica, partindo do conhecimento e adentrando o campo da ação. Deixa-se o campo simbólico das línguas e signos para

adentrar o campo tático composto pelas relações de força e de desenvolvimentos estratégicos:

A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem "sentido", o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. Nem a dialética (como lógica de contradição), nem a semiótica (como estrutura da comunicação) não poderiam dar conta do que é a inteligibilidade intrínseca dos confrontos (FOUCAULT, 2019b, p.41)

A questão da mecânica do poder não era analisada, nem sequer pensada no ambiente conflituoso da época. Foucault (idem) pensa em uma analítica que, busca a resolução dos problemas no interior de um enredo histórico antes de se chegar à ideia de constituição pelo sujeito:

Queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. E preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. E isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história (FOUCAULT, 2019b, p.43).

Percebe-se que a genealogia busca aberturas no passado para entender o presente, para o filósofo ela se apresenta como uma prática de justiça. Buscar a história daquele saber, abordando o que ficou suprimido, passou despercebido por trás do que se constitui como verdade e, por verdade, Foucault (2019b, p.54) propõe:

Por "verdade", entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A "verdade" está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. "Regime" da verdade. Esse regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo. E ele que, com algumas modificações, funciona na maior parte dos países socialistas (deixo em aberto a questão da China, que não conheço).

O problema segundo o autor não é conscientizar ou mudar as pessoas, mas a forma em que as verdades são produzidas e, nesse contexto o papel do intelectual é favorecer que o sujeito possa dissociar, sem ter a pretensão de totalmente, a questão do poder e da verdade, se bem que, segundo o autor, a verdade é o próprio poder. Dessa forma sem a pretensão de trazer novas questões, mas repensando as já colocadas, tem-

se um terceiro campo de análise que tem ligação com a formação subjetiva do indivíduo e sua forma de ser-consigo. O campo arqueogenealógico, que tem como eixo problematizador as tecnologias do eu e sua influência na construção do indivíduo ético.

1. A ARQUEOGENEALOGIA

Na arqueogenealogia foucaultiana o sujeito é, fundamentalmente, uma produção das práticas discursivas e de relações de saber-poder que o atravessam e o delimitam, ou seja, a arqueogenealogia é a junção dos três momentos foucaultianos evidenciando que o campo da verdade ou da subjetividade do sujeito, ou ainda último momento, inicia, perpassa e encerra todas as fases (VEIGA- NETO, 2016).

Esse domínio também conhecido como o domínio ético-político considera os aspectos discursivos e não discursivos que juntos, corroboram para a problematização e construção da subjetividade do sujeito a partir da investigação das fases envolvidas na evidência de certas verdades (arqueogenealogia).

Ao dar voz aos sujeitos produzidos pelos regimes de verdades, Foucault (2019b) traz a reflexão sobre a forma que aquela situação se solidificou como tal, o autor não intenciona desconstruir nada, ao contrário, sua intenção é modificar o olhar acerca do acontecimento, sem apontar como verdadeira ou falsa nenhuma contribuição teórica, porque, para o autor, o sujeito é livre, tanto para conceber quanto para criticar, reinventar e/ou reconstruir uma visão e essa pode mudar de acordo com os interesses em pauta (FOUCAULT, 2019b, VEIGA-NETO, 2016, MARSHALL, 2018).

Em relação a inspiração arqueogenealógica, Neves e Gregolin (2021, p.11) apresentam a seguinte contribuição:

Esse caminho teórico-metodológico baseia-se em duas atitudes: a crítica e a genealogia. A crítica segundo Foucault (1996, pag. 69-72) liga-se aos sistemas de recobrimento dos discursos, seus princípios de reordenamento, de exclusão e de rarefação. Trata-se, portanto, de investigar os procedimentos (discursivos e não discursivos) que controlam o que se pode e se deve dizer em um certo momento histórico. O segundo movimento – genealógico – propõe esquadrihar a formação efetiva dos discursos - que é, ao mesmo tempo, dispersa, descontínua e regular - em

suas relações com os saberes e os poderes (NEVES & GREGOLIN, 2021, p11).

Em adição aos apontamentos das autoras a crítica foucaultiana é compreendida como uma “crítica da crítica ou hipercrítica” (VEIGA- NETO, 2016, p.24), pelo fato de ela mais perguntar do que explicar, sendo “cética e incômoda” (id.) e desse modo, problematizadora, validando a observação das autoras.

Foucault (2014b, p.7) exemplifica a questão do sujeito e da influência do poder quando, em seu discurso propedêutico, refere-se a seu desejo pessoal (procedimento discursivo) em contrapartida ao discurso institucional (procedimento não-discursivo) e problematiza com a seguinte questão: “Mas, o que há enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal está o perigo? (FOUCAULT, 2014b p.8)”

Para adentrarmos a especificidade do olhar arqueogenealógico é necessário considerar, além dos discursos, os dispositivos que surgem das relações de poder e sua forma de agir sobre os sujeitos, nesse caso voltamos ao dispositivo disciplinar que exercia poder sobre os corpos e que foram modificando o *modus-operandi* no decorrer da história, sem, contudo, perder o foco na produção da sujeição. O poder disciplinar:

Eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava e distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em serie e em vigilância) e a organização, em tomo desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também as técnicas pelas quais se incumbiam desses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento etc. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia [...] (FOUCAULT, 2005, p.288).

Em decorrência das sucessivas mudanças nos movimentos sociais, uma nova tecnologia de controle toma forma:

Ora, durante a segunda metade do século XVIII, eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar previa. Essa nova técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque e de outro nível, está noutra escala, ter outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes. (FOUCAULT, 2005, p. 289)

Uma nova técnica composta por mecanismos de indução que procuram influenciar as práticas dos indivíduos, e esses mecanismos se flexibilizam de acordo com

a sociedade, visando controlar o sujeito, trazendo-os a submissão. A essa malha de dispositivos coercitivos que acabam por envolver tudo aquilo que dizer respeito a vida humana partindo do “poder-corpo para o pode-espécie” (id.), Foucault, chama de biopoder.

Ao que essa nova técnica de poder não disciplinar se aplica é – diferentemente da disciplina, que se dirige ao corpo – a vida dos homens, ou ainda, se vocês preferirem, ela se dirige não ao homem corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo; no limite, se vocês quiserem, ao homem-espécie. (FOUCAULT, 2005, p.289).

Considerando previamente as formas em que o poder vai atravessando por todos e tudo, volta-se para a questão da responsabilidade ética do pesquisador que se envolve em uma pesquisa dessa magnitude, esquecer o cerceamento do seu objeto de investigação para poder entendê-lo da melhor maneira possível, sem técnicas mirabolantes, mas com o compromisso de revelar a construção daquele acontecimento com o maior cuidado possível consciente, no que tange a humanos de que, que a subjetividade do sujeito é formada simultaneamente pelas relações do mesmo com os saberes, os poderes e a ética (VEIGA- NETO, 2016,p.82).

É válido considerar que, para o pensamento foucaultiano, os enunciados não são originais, eles apenas não se repetem pelo fato de o sujeito não ser o mesmo. O entendimento do conceito de arqueogenealogia, pode ser nomeado como análise de um dispositivo, associando a esse termo o fato de que ele rejeita veementemente o conceito de algo pronto, ou tido como verdadeiro e reforça o fato de que se deve substituir o entendimento de algo inacabável para a compreensão de apreensão de uma nova forma de conceber o que já está firmado como original (DELEUZE, 1996, p.156).

A partir desse entendimento conceitual, volta-se para a produção acadêmica que utiliza a arqueogenealogia como abordagem no sentido de direcionar e/ou contribuir para futuras pesquisas com essa abordagem.

5. A PESQUISA ARQUEOGENEALÓGICA NA EDUCAÇÃO

Para clarificar a compreensão dessa abordagem como metodologia de pesquisa, buscou se, na Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações Brasileira as produções do último quinquênio (2015-2020) que se apoiou nessa abordagem. Da seleção pelo termo “arqueogenealogia”, sem filtros limitantes, procedera 135 trabalhos, de áreas de conhecimentos variadas e, quando limitada ao período supracitado, resultara em 63, constituindo desse total, três na área de ciências humanas/educação, objetivo desse ensaio, sendo uma tese e duas dissertações conforme explicitadas no quadro a seguir:

Quadro 1- Pesquisas realizadas com a utilização das teorizações arqueogenealógicas de Michel Foucault

TEMA	AUTOR	UNIVERSIDADE	ANO
Professores e ensino médio brasileiro na revista Educação/UFSM: um arquivo sobre a produção de sujeitos na governamentalidade neoliberal	SILVA MIGUEL, Ivan Gregório (Tese)	Universidade Federal de Santa Maria	2018
Ensino da filosofia na escola de nível médio: uma análise discursiva das políticas curriculares e dos textos acadêmicos	SEGUNDO, Paulo Roberto Marques (dissertação)	Universidade Federal de Santa Maria	2018
Análise do discurso sobre o "bom" professor de História no Brasil contemporâneo: uma questão de cidadania...	RABÊLO, Wagner de Araújo (dissertação)	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2016

Fonte: Elaboração Própria.

Inicialmente se faz necessário mencionar a presença de Silvio Gallo (1963), filósofo que estuda e sistematiza as teorizações de Michel Foucault, em especial seu terceiro momento, além de organizar colóquios foucaultianos na UFSM, na composição das bancas, o que valida a análise criteriosa de alguém que domina o assunto nos trabalhos citados acima.

Na pesquisa de Silva Miguel (2018) o autor investigou o sujeito produzido pela governamentalidade neoliberal, entendendo esse sujeito como uma peça construída para atender a sociedade capitalista da melhor forma possível, sua pesquisa foi organizada da seguinte maneira:

Quadro 2- Organização metodológica da pesquisa de Silva-Miguel (2008).

CAMPO ARQUEOLÓGICO	CAMPO GENEALÓGICO	ARQUEOGENEALÓGICO
Analisa uma série de documentos	Pesquisa as condições de possibilidades históricas	As análises problematizadoras resultam em uma nova categoria de

oficiais brasileiros (1975-2018). Analisa uma série de artigos da revista Educação. (42 artigos)	das narrativas sobre os professores do ensino médio e seu entorno de trabalho.	sujeitos. Classifica e categoriza os sujeitos, conforme os discursos.
	Analisa como essas narrativas contribuíram na circulação dos discursos sobre estes sujeitos e seu contexto profissional.	Apropria-se do trabalho: Escrito em primeira pessoa demonstrando o entendimento de que é parte do processo.

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que, no campo arqueológico, o autor elabora o arquivo, considera os princípios inerentes a uma pesquisa arqueológica (FOUCAULT, 2019a p.169-171), atenta para as características principais da arqueologia (FOUCAULT, 2019a, p.196-197) conseguindo dessa forma, a partir do enunciado formar o arquivo e evidenciar o sujeito produzido pelos discursos e, a influência destes no congelamento das verdades, fechando dessa forma o ciclo problematizador de uma arqueogenealogia.

No campo genealógico o autor movimenta o arquivo de forma histórica e socialmente, de modo a situar o leitor para a compreensão das forças e tensões produzidas com o intuito de regular, o que pode e não pode ser dito. A partir dessa regulação, percebe-se a objetificação do sujeito, de modo a direcioná-lo, sem que o mesmo se dê conta, de sua docilização (FOUCAULT, 2014, P.167).

No campo ético, que é simultâneo aos outros dois momentos, o autor deixa translúcida a forma de seleção dos documentos, artigos e categorizações oriunda de suas próprias seleções e construções, enquanto coloca-se no campo de pesquisa como sujeito e produto dela. Destaca conceitos chaves que surgiram de sua análise e evidencia as técnicas de sujeição usadas em seus diversos momentos e que, demonstra a oscilação entre forças, hora de disciplina, ora de controle evidenciando assim uma nova visibilidade fazendo as “formas de poder funcionar sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2014, p.196) ou “aprendendo a ver a si próprio” (VEIGA-NETO, 2016, p.82) pois o sujeito fala de sua própria prática.

Como resultado desses três momentos que se conversam de maneira síncrona tem-se uma pesquisa arqueogenealógica que tem como característica o fato de se modelar no decorrer de sua análise e que não se finda pois, “problematizar é buscar sempre questionar e compreender a função do sujeito na produção discursiva e não discursiva de seu próprio saber” (SILVA-MIGUEL, 2018, p.156).

A organização da dissertação de Mestrado intitulada “Ensino da filosofia na escola de nível médio: uma análise discursiva das políticas curriculares e dos textos acadêmicos”

produzida pelo pesquisador Paulo Roberto Marques Segundo (UFSM, 2018), esclarecendo que, os autores não utilizaram desses campos de análise, necessariamente nessa ordem, porém, para fins didáticos, forma assim organizadas viabilizando uma melhor compreensão, conforme demonstrado no Quadro 3, a seguir:

Quadro 03- Organização metodológica da dissertação de Segundo (2008).

CAMPO ARQUEOLÓGICO	CAMPO GENEALÓGICO	ARQUEOGENEALÓGICO
Analisa o discurso legal. Analisa o discurso acadêmico; Descreve os princípios da educação moderna presentes na produção discursiva acerca do ensino da filosofia para o ensino médio;	Descreve as relações de saber/poder na produção discursiva sobre o ensino da filosofia nas produções acadêmicas.	Analisa as problematizações que emergem sobre o ensino da filosofia na escola básica em seu processo de institucionalização. Destaca as repetições dos princípios da educação moderna na materialidade dos documentos e os modos de se enunciar o professor de filosofia no ensino médio Confirma a manutenção dos discursos.

Fonte: Elaboração própria.

Conforme pode-se observar no quadro acima, Segundo (2018), parte da seleção de seus enunciados e do conjunto de discursos, tanto legais ou acadêmicos de modo a construir o seu arquivo, a partir dele “isola as condições de emergência dos enunciados” (FOUCAULT, 2019a, p. 155) passando a descrever as relações de saber/poder que resultaram nesses discursos e cristalizaram-no como verdadeiro a ponto de ser repetidos e, como tal, válida a sua manutenção.

A dissertação produzida por Rabêlo (2016) com o tema: “Análise do discurso sobre o “bom” professor de História no Brasil contemporâneo: uma questão de cidadania...” contou como membro de sua banca o prof. Dr. Alfredo Veiga-Neto um dos mais conhecidos pesquisadores brasileiros e responsável por vincular Foucault a educação no país, possibilitando a problematização do espaço escolar pelo sujeito que o compõe (VEIGA-NETO, 2016).

A metodologia abordada pelo pesquisador foi organizada da seguinte forma:

Quadro 4- Organização metodológica da dissertação de Rabêlo (2016).

CAMPO ARQUEOLÓGICO	CAMPO GENEALÓGICO	ARQUEOGENEALÓGICO
Analisa os discursos legais/educacionais e históricos;	Busca o entendimento das condições políticas que	Investiga as condições de possibilidade para a emergência e a consolidação do discurso sobre o “bom” professor de História no Brasil atual.

Levanta produção acadêmica referente decênio 2003/2013.	a	consolidaram o discurso em questão.	Categoriza a ideia de cidadania como um discurso que emerge da análise;
	ao	Reconhece as relações de poder em todos os espaços;	Se coloca como o sujeito construtor do seu conhecimento e pesquisador de si mesmo. Problematiza a naturalização do discurso de bom professor.

Fonte: Elaboração própria.

O autor coloca oportunamente o fato de que uma pesquisa de inspiração arqueogenealógica não tem campos demarcados como os que foram organizados acima. E por esse motivo clarifica-se aqui que, essa organização serve como base inicial que facilita a compreensão do processo de investigação com as teorizações foucaultianas.

O autor compôs o arquivo com discursos legais, publicações de periódicos desconstruindo esses discursos e, dessa análise extraiu a categoria ideológica de cidadania, que fora responsável, tanto por sua gênese quanto por seu desfecho, creditando assim um entendimento de movimento não linear em sua análise.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

Fica evidenciado aqui o fato de que a arqueogenealogia oferece um rico campo de questionamentos e que, embora as pesquisas tenham peculiaridades interpretativas de cada autor, acabam seguindo um padrão evidenciado por: a) construção do arquivo, b) análise dos dispositivos operantes e, c) hipercrítica, que podem ou não concordar com as discursividades já postas em prática resultando em uma produção problematizadora que busca também e principalmente compreender quem é o sujeito produzido pela amálgama discursiva colocada em tela.

Romper com costumes e ideias que nos fora “despejada” no decorrer de uma vida não é tarefa fácil. Nos acomodamos com as verdades colocadas e as aceitamos sem questionamentos. O delineamento metodológico e epistemológico aqui exposto vem trazer uma nova forma de olhar as verdades, os enunciados, as relações e sua produção.

Vem questionar o campo científico e colocar uma certa dúvida em tudo o que se propaga, não por maldade, mas por maturidade. Compreende-se aqui o sujeito como um ser em constante movimento. Não é linear, ele é composto por construções, desconstruções, avanços e retrocessos e é assim também com o saber científico.

Outra consideração importante é o fato de que, o campo de humanas, é rico em eventos problematizadores, repletos de significados e, conseqüentemente exigem um olhar mais cauteloso principalmente por se tratar com suas fontes informacionais principais e mais importantes: O sujeito e sua produção subjetiva.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. 2ª ed. São Paulo. Atlas, 2011. p.149.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação—Artigo em publicação periódica científica impressa—Apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação – Citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

CORAZZA, Sandra Maria. Labirintos da Pesquisa, Diante dos ferrolhos. IN: Veiga-Neto, A., Larrosa, J., Grün, M., Fischer, R. M. B., Silveira, R. M. H., & Corazza, S. M. **Caminhos investigativos I**: Novos olhares na pesquisa em educação. 3ªed. Rio de Janeiro. Lamparina, 2007.

DELEUZE, Gilles et al. ¿ Qué es un dispositivo. **Michel Foucault, filósofo**, p. 155-163, 1990. Disponível em: <https://d1wgtxts1xzle7.cloudfront.net/57306898/Que-es-un-dispositivo-Deleuze.pdf?1536149460=&response-content> Acesso em 22 de maio de 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ed. Tradução de Fenando Baeta Neves. Forense universitária. Rio de Janeiro, 2019a

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 9ªed. Trad. Roberto Machado. Paz & Terra. Rio de Janeiro, 2019b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 42ªed. Trad. Raquel Ramalheite. Vozes. Rio de Janeiro, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 24ªed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Lucerna, 2006.

NEVES, Ivania dos Santos; GREGOLIN, Maria do Rosário. A arqueogenealogia foucaultiana como lente para a análise do governo da língua portuguesa no Brasil: continuidades e disrupções. **MOARA—Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, v. 2, n. 57, p. 08-32, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade et al. Metodologia de pesquisa. **São Paulo: Atlas**, 2004.

MARSHALL, James D. Michel Foucault: Pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina. **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Artmed Editora, 2008.

RABÊLO, Wagner de Araújo. ... 2016. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em:

https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/21192/1/WagnerDeAraujoRabelo_DISSERT.pdf. Acesso em 23 de maio de 21.

SEGUNDO, Paulo Roberto Marques. **Ensino de Filosofia na Escola de Nível Médio: uma análise discursiva das políticas curriculares e dos textos acadêmicos**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/15907>. Acesso em 23 de maio de 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24^o ed. São Paulo. Cortez editora, 2016. p.125

SILVA MIGUEL, Ivan Gregorio. **Professores e ensino médio brasileiro na revista Educação/UFMS: um arquivo sobre a produção de sujeitos na governamentalidade neoliberal**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/15669>. Acesso em 23 de maio de 2021.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre. Penso Editora, 2016. Tradução de Karla Reis.

TRIVIÑUS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987 pg.128

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. 3^oed. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2016.